

Afonso, Almerindo Janela & Palhares, José Augusto (orgs.) (2019). *Entre a Escola e a Vida: A Condição do Jovem para Além do Ofício de Aluno*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão. 182 p.

Compreender as condições, experiências e percursos dos jovens – ou, em termos mais genéricos, a *condição juvenil* – nas sociedades contemporâneas tem constituído um desafio tão fascinante quanto problemático para as ciências sociais, nomeadamente para aqueles que, no seu interior, nos temos dedicado em particular aos fenómenos educativos. Implica lidarmos com a extrema complexidade e diversidade das sociedades de hoje, assim como os significados por vezes tão variados deste conceito, ao ponto de Pierre Bourdieu (1984) ter questionado, no seu estilo provocante, se *juventude* não seria apenas uma palavra, ou seja, um termo vulgarizado no senso comum e sem espessura sociológica. Porém, não parece ser esse o caso, seja devido à vertigem de mudança que caracteriza as sociedades atuais e que estabelece diferenças (por vezes, incompreensões) entre as experiências das diferentes gerações, seja pela tendência propriamente moderna de “arrumar” as pessoas em contextos culturais, económicos, sociais e políticos de acordo com o momento do ciclo de vida em que se encontram.

Tempos já lá vão em que os estudos da juventude e da educação constituíam duas linhas separadas da investigação sociológica. Hoje, parece consensual na comunidade científica, ainda que nem sempre nos debates públicos, a ideia de que é impossível compreender os *jovens* sem considerar a sua condição de *estudantes* (mesmo aqueles que estão fora do sistema educativo tendem a ser classificados e penalizados por essa exclusão), assim como não faz sentido investigar o que se passa nas escolas – pelo menos, no ensino secundário e superior – se não procurarmos entender a juventude que as habita.

Para nos ajudar a desvendar este enigma, Almerindo Janela Afonso e José Augusto Palhares respigaram um conjunto de contributos originais de sociólogos portugueses, na recente obra *Entre a Escola e a Vida*. Trata-se de uma compilação feliz, no sentido em que, sem qualquer pretensão de exaustividade, reúne resultados de vários investigadores e equipas que têm deambulado entre educação e juventude ao longo das últimas duas ou três décadas, em Portugal, a partir de diferentes centros de investigação, perspetivas teóricas e objetos de estudo, o que nos permite, assim, leituras focadas, mas também, quando lidos em sequência, uma reflexão alargada sobre a complexidade e a diversidade da condição juvenil. Além disso, o facto de constituírem contributos que resultam já de linhas de investigação amadurecidas, ao longo de sucessivos projetos, não invalida que não contenham também elementos novos face a trabalhos

anteriores dos autores, demonstrando que se tratam de pesquisas que, efetivamente, estão em desenvolvimento, em diálogo e a produzir avanços relevantes.

Em termos necessariamente breves, no primeiro capítulo, de José Machado Pais, uma referência central dos estudos sobre juventude no nosso país, podemos destacar as reflexões valiosas sobre a educação em contextos de extrema vulnerabilidade, seja entre indígenas da Amazônia ou jovens marginalizados dos subúrbios de Lisboa e de Bruxelas, frequentemente reprodutora das desigualdades, mas capaz a espaços de engendrar projetos emancipatórios. Termina com algumas notas muito atuais sobre a utilização das tecnologias da informação e da comunicação por parte das escolas e dos jovens, sublinhando contradições e incomunicações, mas também possibilidades de desenvolvimento futuro.

Os dois capítulos seguintes apresentam perspetivas distintas, mas complementares, sobre o (in)sucesso escolar. O trabalho de Manuel Sarmento sistematiza diferentes explicações das ciências sociais sobre este conceito que tem sido central na interpretação das experiências e na regulação dos percursos educativos, exacerbado pela sua omnipresença nos discursos políticos e mediáticos das últimas décadas, mas frequentemente sem uma perspetiva democrática e comunitária, que reconheça as crianças e jovens enquanto cidadãos para além do papel de alunos que a escola lhes atribui. Já o capítulo de Leonor Lima Torres analisa a crescente relevância do conceito de “excelência escolar”, enquanto “expoente” do êxito na escola, na sua relação ambivalente com as mudanças económicas em curso: por um lado, reproduz uma retórica meritocrática e competitiva, assente em avaliações quantitativas, normativas e seletivas; por outro lado, premeia modelos educativos e competências, de corte individualista, acumulativo, reprodutivista e fragmentado, quando o mercado de trabalho parece hoje valorizar trabalhadores criativos, móveis, com conhecimentos diversificados, capacidade de resolução de problemas e de trabalho em equipa.

Os capítulos IV e V, sendo muito diferentes, providenciam igualmente olhares complementares sobre as questões da (des)igualdade e da (in)justiça, em contexto educativo. O trabalho de Luísa Quaresma, a partir de um estudo em universidades de elite no Chile, discute os “circuitos exclusivos” da educação que tendem a contribuir para a reprodução intergeracional dos privilégios, justificados e legitimados por discursos sobre a excelência (académica), a vocação (profissional) e a integração (cultural e ideológica). Já o capítulo de José Manuel Resende, David Beirante e Luís Gouveia prossegue indagações anteriores sobre a democracia e a cidadania nas escolas secundárias, a partir das perceções e sentimentos de (in)justiça dos jovens estudantes, frequentemente divergentes dos discursos e projetos pedagógicos da instituição.

Os capítulos VI e VII refletem contributos mais focados nas políticas públicas e como estas (re)configuram a *condição juvenil*. O estudo de Teresa Sarmento e Fernanda Martins discute o movimento liderado pelas autarquias no desenvolvimento de

projetos educativos locais, frequentemente com uma vertente de proximidade e de participação cidadã, mas que tende a cingir-se ao plano mais formal, assente no diálogo com as associações de pais e encarregados de educação, mas assumindo que estes são os representantes das crianças e jovens, logo excluindo estes segundos de modalidades mais diretas de participação. Por seu lado, o capítulo de Maria Manuel Vieira, Tatiana Ferreira e Lia Pappámikail analisa os contributos do programa *Garantia Jovem* na inclusão e empoderamento daqueles que não estudam nem trabalham, relacionando os seus impactos modestos com uma estrutura formalmente reticular e que envolve muitas organizações de base, mas num formato de laços precários e temporários, limitadores do envolvimento dos próprios mediadores, os profissionais e ativistas das organizações locais e comunitárias, eles próprios, na sua maioria, jovens.

A obra termina com o capítulo de José Augusto Palhares sobre as atividades de educação não formal e informal em que participam os jovens. O autor parte do paradoxo de uma sociedade que, cada vez mais, valoriza (e exige) um conjunto de aprendizagens extraescolares, ao longo da vida, mas depois tende a organizá-las na periferia e por referência ao trabalho escolar. A partir dos resultados de um inquérito aos estudantes do ensino secundário, o autor constata que, se a participação em atividades extracurriculares é praticamente transversal à condição juvenil, já o volume e o tipo de atividades assumem traços socialmente reprodutivos, com padrões de acesso mais restrito entre os jovens das classes populares, em contraste com os filhos de profissionais técnicos e de enquadramento, predominantes entre aqueles que obtêm elevadas classificações escolares, geralmente, no curso de Ciências e Tecnologias, e simultaneamente têm uma presença mais assídua em atividades fora da escola, sobretudo as que se orientam para o reforço do sucesso escolar, tais como a frequência de explicações e de institutos de línguas.

Lidos em conjunto, os vários capítulos não deixam de provocar uma certa angústia face a uma instituição escolar cujo efeito principal parece ser o de dominar, subjugar, normalizar, diferenciar, classificar os jovens, reduzindo-os à sua condição de *alunos*, frequentemente entendendo-os como futuros adultos e beneficiários (sem passado) de uma ação supostamente civilizadora e promissora, mas raramente como cidadãos com interesses, sentimentos, projetos, posições e decisões próprias, no tempo presente, um período, aliás, crucial na construção das suas identidades e percursos de vida.

Poderia objetar-se que, na própria leitura da obra, nem sempre é audível a voz dos jovens e, em termos mais latos, pouco se fica a saber sobre essa subjetividade pela qual vários dos autores clamam. Existe uma miríade de dados de inquéritos, avaliações, documentos e discursos oficiais, entrevistas a professores e diretores, observações de terreno, discussões teóricas, certamente úteis, mas sente-se a falta de alguma incursão mais aprofundada e sistemática nos modos de pensar e de agir dos

próprios jovens. É possível que, também por aí, se descobrissem diferentes sentidos da escola, modos de apropriação e reconstrução quotidiana, nos interstícios do prescrito e do formal, algumas brechas de liberdade nesse espaço institucional orientado para a obediência e a reprodução. Tanto mais que, sabemos bem, a condição de jovem é uma construção socio-histórica que se erigiu de braço dado com a expansão do “ofício de aluno”, mesmo que frequentemente ignorada ou subjugada nos projetos pedagógicos das escolas e dos governos, mas sem dúvida propiciada pela vida insurgente entre aulas e intervalos.

Em todo o caso, na sua admirável diversidade, os vários capítulos desta obra contribuem, sem dúvida, para o nosso olhar sobre a condição juvenil, na sociedade contemporânea, enfatizando a sua complexa relação com as dinâmicas que atravessam os sistemas de educação e formação. O que isto revela é que muitos outros capítulos se poderão continuar a escrever a partir de perspetivas e metodologias distintas, sem esgotar este tema tão fascinante quanto problemático e fundamental para compreender o mundo em que vivemos.

Pedro Abrantes

Universidade Aberta / ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Email: pedro.abrantes@uab.pt ; pedro.abrantes@iscte-iul.pt